

projeto

Cr\$ 2 750,00

144

Revista
brasileira de
arquitetura,
planejamento,
desenho
industrial,
construção

ISSN 0101-1766

MUSEUS

DUAS DÉCADAS
DE ARQUITETURA

**CASA DE CULTURA
MÁRIO QUINTANA**

SUPLEMENTO TÉCNICO
COBERTURAS E FECHAMENTOS:
A EVOLUÇÃO DOS MATERIAIS

Centro Cultural Dannemann

Projeto, fotos e texto
Paulo Ormino de Azevedo

Local
São Félix, BA



Vista parcial da cidade, às margens do rio Paraguaçu.

Montagem da imagem

Desde 1873, o prospecto de São Félix, um pequeno centro histórico à margem direita do rio Paraguaçu, no coração do Recôncavo Baiano, corre mundo em cromos de caixas de charutos de tabaco escuro, cujo aroma cativou os fumantes europeus. Naquele ano, Geraldo Dannemann, um alemão de Bremen, com apenas 22 anos, fundou a primeira e mais famosa marca de charutos brasileiros, liderança que manteve até o final da Segunda Guerra Mundial. A iniciativa pioneira de Dannemann foi seguida por outros empresários locais, como Simas, Cardoso, Suerdieck e Leite Alves, consolidando a imagem de São Félix como o maior centro produtor de "puros" do Brasil.

O enorme sucesso alcançado pela empresa na exportação de charutos e tabaco em folha fez com que ela expandisse suas atividades por outras cidades do Recôncavo, utilizando majoritariamente mão-de-obra feminina, ao mesmo tempo que desenvolvia intenso programa social. A própria Coroa reconheceu o trabalho desenvolvido por Geraldo, àquela altura uma liderança política regional, atribuindo à sua indústria o título de Imperial Fábrica de Charutos Dannemann. Nessa condição, com o advento da República, o empresário liderou o movimento de emancipação de São Félix de Cachoeira (1889), antigo centro açucareiro localizado na margem oposta do rio. Por esse trabalho, foi nomeado pelo governador Manuel Vitorino Pereira seu primeiro intendente. Concentrou então esforços em elevar a nova vila à condição de cidade, o que conseguiu em 1890. Brasileiro por adoção, casado e responsável por uma grande prole brasileira, tornou-se em 1893 seu primeiro prefeito eleito, renunciando pouco depois, para dedicar-se exclusivamente à atividade industrial, que então já alcançava a Europa.

Ruínas do antigo armazém de fumo do final do século XIX.

Crise e destruição

Nem o colapso do marco alemão, moeda principal de suas exportações, no fim da Primeira Guerra, nem a morte de seu fundador, em 1919, abalariam a sólida firma. Só uma intervenção do governo federal na empresa de origem germânica, durante o último conflito mundial, a pretexto de sanear suas finanças, a levaria à falência. Mas o renome internacional de seus charutos era tão grande que seu principal importador europeu decidiu continuar a produzi-los na Europa, sob licença do primitivo produtor, com fumo importado da Bahia.

A partir de 1976, a Companhia Brasileira de Charutos Dannemann, que sucedeu a antiga empresa, voltou a produzir charutos feitos à mão em Cruz das Almas, município vizinho a São Félix, para coroar a linha de "puros" produzidos mecanicamente na Europa, sob licença da primitiva firma de São Félix.



Reconstrução da imagem

Para comemorar um século de emancipação política de São Félix é retribuir à cidade o prestígio internacional alcançado por seus produtos, a direção da Dannemann resolveu criar um centro cultural que servisse como suporte ao incremento da vida cultural da cidade, nessa nova fase de desenvolvimento regional deflagrado pelo turismo e pela entrada em operação da represa de Pedra do Cavalo, que suprirá de água a região metropolitana de Salvador, controlando enchentes e facilitando a navegação e a irrigação.

A antiga fábrica Dannemann, arruinada e demolida após a falência, ocupava um pequeno quarteirão em frente ao rio, junto à ponte Dom Pedro II, hoje transformado em praça. Aquele sobrado, embora sem a máscara neoclássica que recebeu depois, já aparece na aquarela *Projeto de Ponte entre a Vila de Cachoeira e o Arraial de São Félix na Bahia*, de 1816, integrando o acervo do Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro.

Quando Hans Leusen, atual diretor presidente da empresa, idealizou o centro cultural, buscou um imóvel com localização e características semelhantes. Depois de longa negociação, conseguiu uma bela fachada neoclássica que escondia enorme terreno baldio com frente para duas ruas. Tratava-se de um amplo armazém de fumo do final do século passado, que substituiu duas casas - uma de porta e janela e outra de seis vãos - retratadas na pintura de 1816. As duas vivendas à sua direita são as mesmas da aquarela, mas o sobrado e a casa da esquerda, infelizmente, foram descaracterizadas com a construção de um cinema, neste século.

Esse armazém, que no início do século fora ocupado pela firma Alfredo B. Barros, havia sido, após seu arruinamento, transformado sucessivamente em garagem de ônibus e depósito de sucata. A elegância de sua fachada, a loca-

lização em frente ao rio, refletindo a cidade de Cachoeira como um presépio, as dimensões do terreno e seu duplo acesso o tornavam ideal para o objetivo pretendido.

O centro cultural

A concepção do espaço cultural exigia a criação de áreas para exposições permanentes e periódicas, para a realização de oficinas, cursos e seminários, para a exibição de filmes, peças teatrais e grupos musicais, além da montagem de um fabrico demonstrativo da produção de charutos. Os espaços deveriam ser flexíveis, de modo a permitir fácil adaptação a novos usos e exigências culturais, e acolhedores, para atrair os menos sensibilizados pela arte. A idéia básica do projeto foi estruturar o centro cultural em função do pátio central, que passaria a ser o elemento catalisador e integrador dos demais espaços. Retomou-se assim a velha tradição ibérica dos "vorazes" e pátios de comédias, a partir dos quais se difundiu a cultura laica, especialmente a teatral, após a Idade Média.

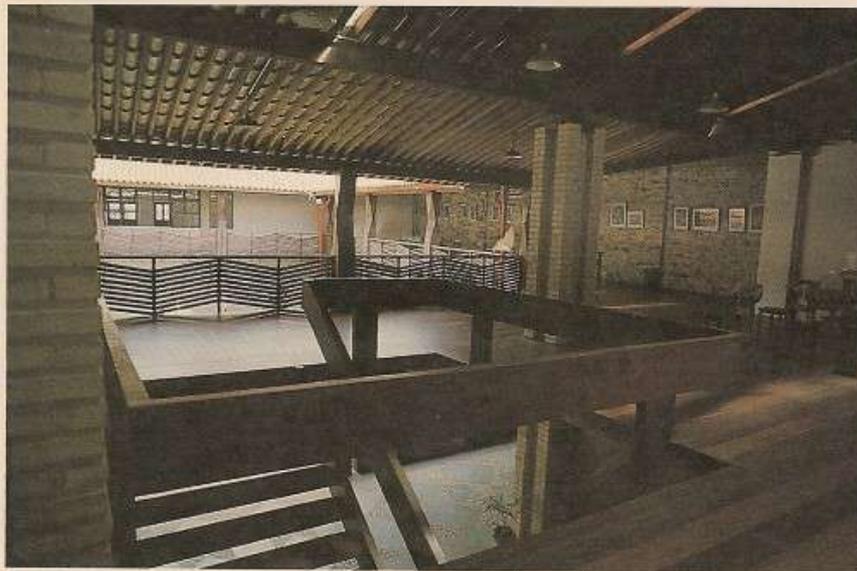
O visitante que ingressa no edifício se depara, de início, com as naves de pé-direito avantajado dos dois galpões anteriores, onde são realizados mostras, concertos e projeções de cinema e vídeo. O espaço se contrai sob o mezanino, para se expandir novamente no pátio de múltiplos apelos: luz, céu, brisa, vegetação e água murmurante. E ali que se localiza, num remanso, a cantina restauradora.

A galeria, nos seus dois níveis, é utilizada para exposições periódicas e para a fruição de espetáculos musicais e teatrais montados no pátio, ao ar livre. Da galeria superior passa-se a uma passarela elevada, situada no último dos galpões, que tem acesso também pela rua dos fundos, de onde se aprecia o funcionamento da pequena fábrica. Nessa passarela está montada uma exposição permanente sobre a cultura do fumo no Recôncavo.

Construtivamente, procurou-se valorizar a tradição artesanal local, especialmente de trabalhos em madeira. Com



Na reconstrução do edifício, as fachadas foram restauradas e os espaços internos projetados para a nova função.



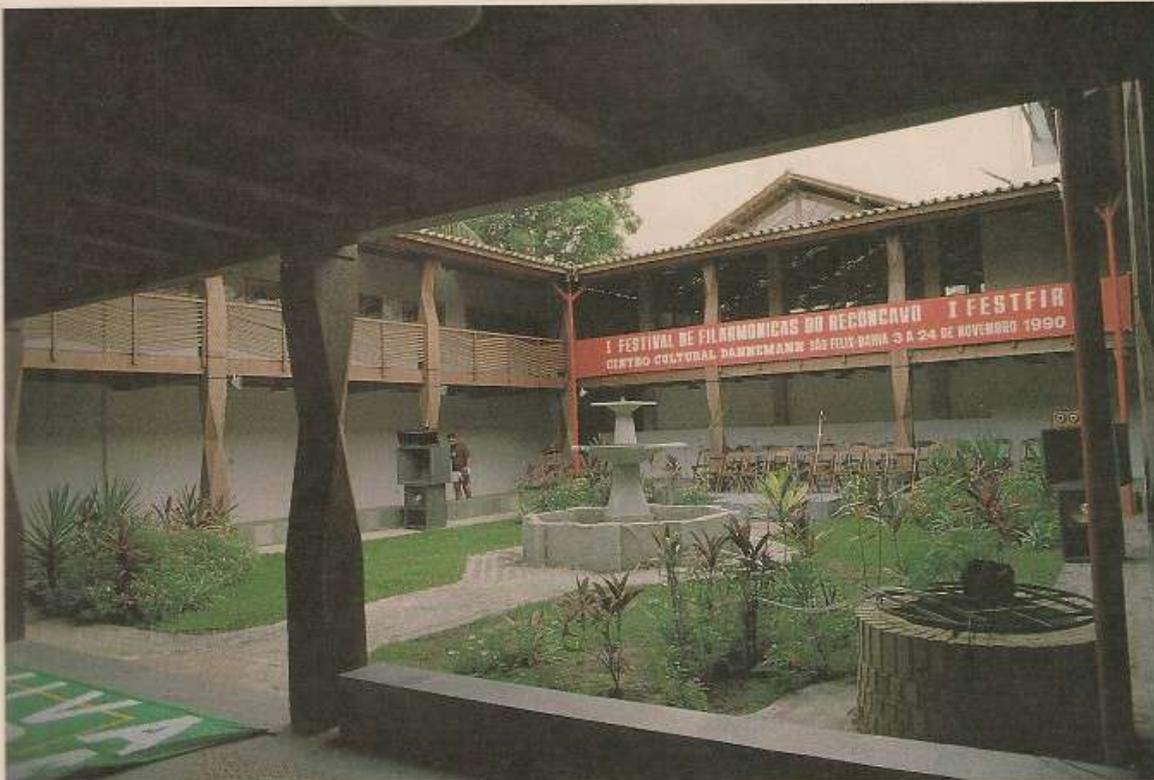
exceção de onze pilares de tijolo maciço, toda a reconstrução foi feita em madeira. A estrutura do telhado é constituída por ágeis tesouras de maçaranduba, que saltam sobre colunas e sustentam a cobertura de telhas de barro claro com frestas de vidro que escoam os raios de sol, criando uma atmosfera luminosa e fresca no interior dos galpões. Essa luz valoriza a textura dos materiais, como a tijoleira em espinha de peixe do pavimento térreo, o assoalho de pau-d'arco do mezanino, os embrechados de seixos rolados do pátio e a cal ondulada das velhas paredes. Sustentam as galerias do pátio os gigantes de maçaranduba em forma de pilão, tema que é retomado no tronco do repuxo com bacias hiperbólicas de pedra-sabão. Trelças e venezianas em aspas revivem um elemento esquecido da arquitetura tradicional, a transparência das gelosias e quebra-ventos mudéjares.

Crítério de intervenção

Em realidade, a intervenção realizada não é um simples restauro, salvo no que diz respeito às suas fachadas, senão a criação de um espaço interno para nova função, respeitando seu invólucro volumétrico, que se manteve mais ou menos íntegro. Não se trata, portanto, de inserção de arquitetura nova em conjuntos antigos, tema que tem sido objeto de muitas experiências e discussões, nem de conversão funcional do monumento com inevitável introdução de elementos novos.

O novo projeto é na verdade uma criação com um duplo compromisso: urbanístico, com o entorno, e arquitetônico, com a nova função. Esses dois compromissos guardam necessariamente uma interdependência forçosa. Não é possível desenvolver um interior à revelia do exterior.

Vista do pátio interno.



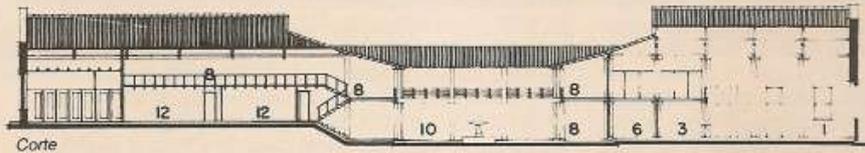
Para resolver essa questão, decidimos adotar o critério tipológico proposto pela escola bolonhesa - manter os três grandes galpões com um pátio no meio -, embora usando desenho e detalhes novos, de modo a não confundir a leitura do edifício, ainda quando usando materiais tradicionais. O pátio, por exemplo, não segue mimeticamente a conformação do primitivo, bem como a distribuição dos pisos - o velho armazém não possuía mezanino -, senão que atendem a exigências da função cultural e de uma maneira nova e pessoal de sentir o edifício.

Se conseguimos isso, cabe aos usuários julgar. De qualquer maneira, a arquitetura constitui apenas o suporte material, o que não é pouco, do Centro Dannemann, que existe como instituição cultural, realizando cursos e exposições, exibindo filmes, promovendo festivais de música e de arte, que empolgam todo o Recôncavo, como fizera outrora Geraldo Dannemann, um jovem visionário que acreditou na Bahia e levou a imagem de São Félix e o buquê inconfundível dos tabuleiros baianos a todo o mundo, como um *bordeaux* ou um *scotch*.



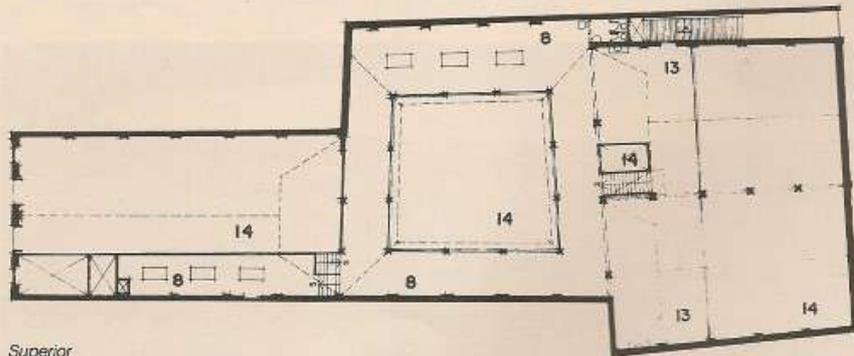
Formenor do pilar no pátio central.

Detalhe das clarabóias e tesouras.

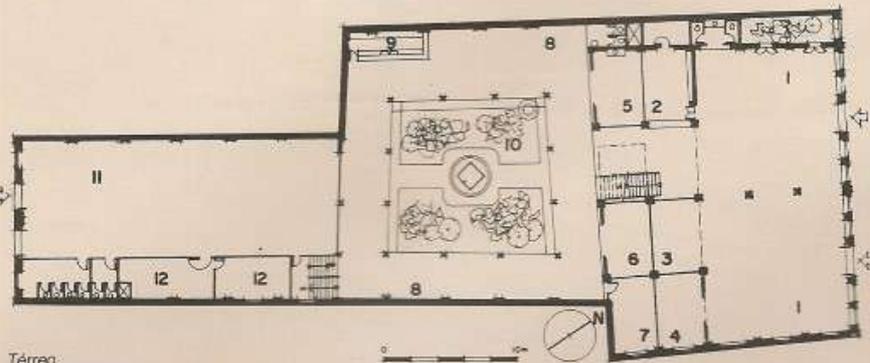


Corte

1. Exposição/auditório
2. Administração
3. Pequenas mostras
4. Loja
5. Biblioteca
6. Oficinas
7. Reserva técnica
8. Galeria
9. Cantina
10. Pátio
11. Fábrica de charutos
12. Depósito
13. Ateliês/cursos
14. Vazio



Superior



Térreo

Equipe técnica

Arquitetura: Paulo Ormino de Azevedo.
 Estrutura: Eduardo de Cerqueira Filho.
 Elétrica e hidráulica: Thales de Azevedo Filho.
 Construção: Paulo Ormino de Azevedo, Dermeval Eloy D'Afonseca.

Ficha técnica

Centro Cultural Dannemann
 Local: São Félix, BA.
 Data do projeto: 1987.
 Data da construção: 1988/89.
 Área do terreno: 1 185 m².
 Área construída: 1 704 m².
 Fornecedores: Serraria e Madeireira Rosa (estrutura); Cerâmica Simonasse da Bahia (telhas); Ibravir (telhas de vidro); Cerâmica Jailson Barbosa (tijolos); Celite (louças sanitárias); Deca (metais sanitários); Peterco (luminárias industriais); Scandinavian (esquadrias e carpintarias); Petra (fonte).